

GENTE DA CIDADE



Augusto Frederico Schmidt nasceu em 18 de abril de 1906 nesta cidade do Rio de Janeiro, à rua Marquês de Abrantes, 18. Seu pai, Gustavo Schmidt, era dono da casa "Ao Primeiro Barateiro", na esquina de Ourives com Ovidor. O avô era Visconde do Papa (F. Schmidt & Cia., rua da Alfândega, 70, tecidos por atacado). Sua mãe, Anita, da família Azevedo; assim o sangue judeu, que funcionou em tantos largos poemas bíblicos é, na realidade, parte pequena, e há muitas gerações aguado pelo batismo.

Aos 8 anos Augusto foi estudar em um colégio de Lausanne, Suíça, e aprendeu a ler primeiro em francês. Perdeu o pai aos 8 anos e a mãe aos 16. Depois de dois anos na Suíça voltou ao Brasil em 1916, andou por vários colégios mas não conseguiu terminar sequer o curso secundário: a família ficou na pobreza e em 1922 êle entrou como ajudante de caixa na Casa Barbosa Freitas, essa que até hoje existe na Avenida.

Entrada às 7,15; trabalho o dia inteiro em pé — "Schmidt, apanhe a caixa de gorgurão número 7!" — e para o almoço apenas 40 minutos, dos quais êle gastava a metade indo e vindo de bonde para almoçar na casa de uma tia na rua Bento Lisboa. O trabalho na loja terminava às 7; mas aí êle ia entregar sapatos na casa dos freguezes, e às vezes "seu" Albino o mandava fazer entregas na Tijuca; o rapazinho então só chegava em casa, em Copacabana, às 10 e meia, 11 horas da noite, exausto.

Para o menino nascido rico e vindo de um colégio suíço tudo isso era deprimente, doloroso, inclusive as ordens e "piadas" de caixeiros que mandavam nele.

Depois de um ano transferiu-se para a firma Costa Pereira, atacadista na rua da Quitanda, onde trabalhou 3 anos duramente. Os hábitos eram tão severos que o patrão (português, e, a seu modo, bom homem) achava absurdo êle usar óculos; óculos parecia coisa imodesta para um simples caixeirinho. Trabalhou em várias seções, inclusive ajudando um japonês do quarto andar que fabricava leques; sem nenhuma habilidade manual, detestava êsse trabalho.



Essas coisas, os jornais não dão

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

— Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será que o mundo é assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo aqui: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. Vejamos a história deste crime. "Durante os três primeiros anos o casal viveu imensamente feliz..." Você sabia disso? O jornal nunca publica uma nota assim:

"Ante-ontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, de 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: "Meu amor", ao que êle retorquiu: "Deolinda". Na manhã seguinte, Augusto Ramos foi visto saindo de sua residência às 7,45 da manhã, isto é, 10 minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário da terra de propriedade do casal".

A impressão que a gente tem, lendo os jornais — continuou meu amigo —, é que "lar" é um local destinado principalmente à prática de "uxoricídio". E dos bares, nem se fala. Imagine isto:

"Ontem, cerca de 10 horas da noite, o indivíduo Ananias Fonseca, de 28 anos, pedreiro, residente à rua Chiquinha, sem número, no Encantado, entrou no bar "Flor Mineira", à rua Cruzeiro, 524, em companhia de seu colega Pedro Amâncio de Araújo, residente no mesmo endereço. Ambos entregaram-se a fartas ligações alcoólicas e já se dispunham a deixar o boteco quando apareceu Joca de tal, de residência ignorada, antigo conhecido dos dois pedreiros, e que também estava visivelmente alcoolizado. Dirigindo-se aos dois amigos Joca manifestou desejo de sentar-se à sua mesa, no que foi atendido. Passou então a pedir rodadas de conhaque, sendo servido pelo empregado do boteco, Joaquim Nunes. Depois de várias rodadas, Joca declarou que pagaria toda a despesa. Ananias e Pedro protestaram, alegando que êles já estavam na mesa antes. Joca, entretanto, insistiu, seguindo-se uma disputa entre os três homens, que terminou com a intervenção do referido empregado, que aceitou a nota que Joca lhe estendia. No momento em que trouxe o trôco, o "garçon" recebeu uma boa gorjeta, pelo que ficou contentíssimo, o mesmo acontecendo aos três amigos que se retiraram do bar alegremente, cantarolando sambas. Reina a maior paz no subúrbio do Encantado, e a noite foi bastante fresca, tendo dona Maria, sogra do comerciante Adalberto Ferreira, residente à rua Benedito, 14, senhora que sempre foi muito friorenta, chegado a puxar o cobertor, tendo depois sonhado que seu netinho lhe oferecia um pedaço de goiabada".

E meu amigo:

Se um repórter redigir essas duas notas e levá-las a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

R. B.

Quando saiu dessa casa, levou uns tempos morando com uma tia, e meio desempregado; então leu furiosamente, principalmente romances franceses. Em 1924 vai para São Paulo, leva algum tempo como viajante comercial, correndo o interior, conhece Plínio Melo, depois Plínio Salgado, Mário Pedrosa, Antônio Bento, Jaime Adour da Câmara, mais tarde Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado. Quando vem ser gerente de uma fábrica de caixas para exportação de laranjas em Nova Iguaçu já conhece Jackson de Figueiredo e se corresponde com Tristão de Ataíde. "Sempre fui da direita, mesmo no meu tempo de miséria." E muito católico? "Não, nunca fui muito católico". (Há tempo escreveu que tinha perdido a Fé.) Hábil e aplicado, foi fazendo relações, dinheiro e literatura: em 26 publica o "Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt", depois "Canto do Liberto", mas é com "Navio Perdido" (1928) que seu nome passa a ser conhecido; seguem-se "Pássaro Cégo", "Desaparição da Amada", "Canto da Noite", "Estrêla Solitária", "Mar desconhecido" e dois livros de prosa, "Paisagens e sêres" e "O Galo Branco".

Em 1932 faz-se editor, lança vários novos (Jorge Amado, Graciliano) mete-se em outros negócios mais rendosos, coleciona inimizades, antipatias e apelidos, vai 7 vezes à Europa e aos Estados Unidos, casa-se (1936) com uma so-

brinha de Jayme Ovalle e hoje é diretor da Orquima e de mais 11 empresas industriais. Foi candidato a deputado pelo PR certa vez, teve 900 votos, diz que nunca mais será candidato a coisa alguma e muito menos à Academia de Letras. Escreve seu artigo (direitista e lamentoso) entre as 6 e as 7 da manhã, lê até às 9, de preferência ensaios e romances. Poetas mais amados: Gerard de Nerval, Vitor Hugo, Peguy, Claudel. Membro do Conselho de Desenvolvimento Industrial, está agora especialmente preocupado com a indústria da alimentação e fala muito em pirarucu; há tempos falava muito em babaçu. Quando rapaz, torcia para o Fluminense; depois levou 10 anos de-sinteressado de futebol e quando voltou foi para ser Botafogo, por influência de Lulu Aranha.

Agora faz menos poemas que antigamente e quase nunca mais poemas de amor. ("Hoje minha poesia tem mais forma e menos substância", diz com melancolia). Tem sido dos homens mais atacados e ridicularizados de nosso meio literário ("sei que para vocês eu sou um tubarão antipático") e raramente se defende; diz solrer muito com os descabros do país. Há quem não leve a sério êsses sofrimentos; de qualquer modo o que o brasileiro Augusto Frederico Schmidt, filho do dono do "Ao Primeiro Barateiro", tem de indiscutivelmente respeitável são alguns poemas de alta beleza e patético lirismo. — R. B.

A POESIA É NECESSÁRIA

SONETO DO ACONTECIDO

MOACYR F. DE OLIVEIRA



*Para as sombras aonde rubro lírio
era despetalado em leito antigo,
levei castelo erguido em reino assírio
pelo ócio azul da que dormiu comigo.*

*Queria o verde mar dos pescadores...
E eu fiz de barro e fina tessitura
a rosa fácil de um jardim sem dores,
que um coxo deus plantou na gare escura.*

*No entanto, a rosa floresceu tão bela
e como o negro sol, ao longo olhar
da môça, trouxe a verde espuma e o mar.*

*E a aurora que eu ganhei dos olhos dela,
rolou sôbre as estradas do que existe
o silêncio mais fundo e a luz mais triste.*

O d a b e b

Contam de Murilo Mendes que um dia êle ia passando com um amigo por uma rua de Botafogo, quando viu uma mulher na janela de um sobrado. Deu uma coisa no poeta, êle se deteve na calçada fronteira, ergueu o braço e gritou:

— Meus parabéns, minha senhora. Está uma coisa belíssima! Mulher na janela! Há muito tempo não se via! Está belíssimo!

A senhora, assustada fechou a janela bruscamente, achando que estava diante de um louco. Mas o poeta prosseguiu seu caminho com o sentimento do dever cumprido.

Também contam que um bêbado ia pela rua e um enorme jacaré ia atrás dêle. Cada vez que o homem entrava em um bar, o jacaré gritava: bêbado! Quando o homem saía de um bar para entrar em outro, o jacaré gritava outra vez: bêbado! Até que uma hora o homem perdeu a paciência, agarrou o jacaré pelos queixos e o virou pelo avêso, jogando-o a um canto da calçada. Quando saiu do bar o jacaré lhe disse — odabeb! — que é bêbado de trás para diante.

Há outras histórias, mas penso nessa. Não matamos o nosso jacaré, nem nenhum outro bicho; apenas o que fazemos é virá-lo pelo avêso, o que é lamentável, mas ineficiente. E a última mulher na janela foi lá dentro atender ao telefone. Os prédios são altos e se espreitam traiçoeiramente com binóculos na sombra. E como todo mundo tem mais o que fazer, os poetas se tornam incômodos. Virá-los pelo avêso não é solução. Êles não silenciam — e você, que não entende os versos, pensa que êle não está querendo dizer nada. Mas "se meu verso não deu certo foi teu ouvido que entortou", disse um mestre. Os pintores também foram virados pelo avêso, mas continuam a pintar tudo tão insistentemente que, vendo suas telas, uma pessoa mal informada pode pensar que o mundo é que foi virado pelo avêso.

A classe burguesa levou mais de um século para se abster, e não completamente, de ensinar moral aos seus artistas. A classe proletária começa agora a impor sua moral, em outra fútil e dolorosa campanha.

Dêem-lhe tempo: ao fim de algumas gerações ela obterá centenas de pintores condecorados e acatados, músicos e poetas importantíssimos em suas academias — mas nenhum artista. O artista, virado pelo avêso, dirá apenas: odabeb. E muitos dos homens felizes consigo mesmo e com suas idéias e com sua vida ficarão desconfiados; e alguns ficarão pálios.

Moacyr F. de Oliveira nasceu em Copacabana, Pôsto 6, em 1926, passou a infância em Juiz de Fora, formou-se em Direito na Universidade Católica do Rio, advogou uns seis meses, publicou dois livros de versos — "Cubo de Trevas" e "Lenda e Areia" — e tocou para a Europa, onde perambulou quase três anos, voltando com uma esposa sueca e outro livro, "Itinerário de uma tarde", editado em Karlshamn em 1953, de onde tiramos o soneto acima.